

Papa Francisco



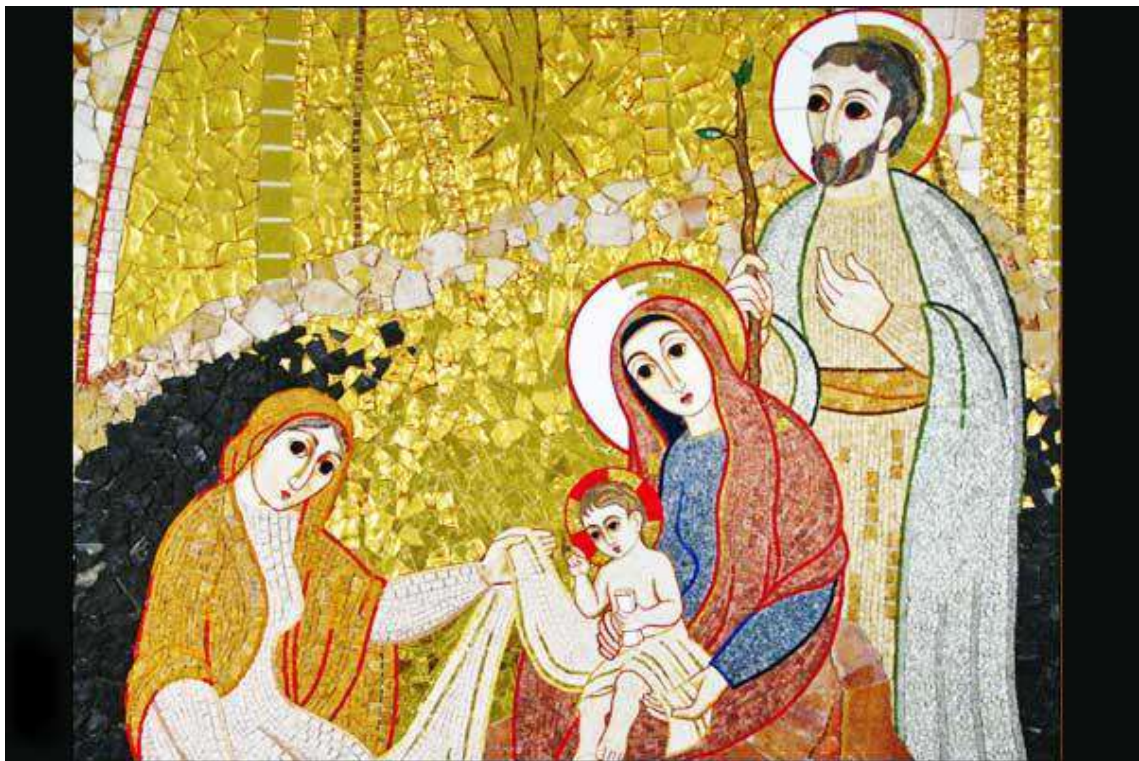
**CATEQUESES SOBRE
ADVENTO E NATAL**

Índice

Introdução	3
Advento 2013	5
Natal 2015	7
Advento 2016	10
Natal 2017	14
Natal 2018	17
Natal 2019	20
Natal 2020	24
Natal 2021	28

"O Natal se tornou uma festa universal e até quem não acredita sente o encanto deste evento. Contudo, os cristãos sabem que o Natal é um acontecimento decisivo, um fogo eterno que Deus acendeu no mundo, e não pode ser confundido com coisas efêmeras".

Papa Francisco



Este nosso encontro realiza-se no clima espiritual do Advento, que se tornou ainda mais intenso graças à Novena do Santo Natal, que estamos a viver nestes dias e que nos conduz às festividades natalícias. Por isso, hoje gostaria de meditar convosco sobre o Natal de Jesus, festa da confiança e da esperança, que supera a incerteza e o pessimismo. E a razão da nossa esperança é a seguinte: Deus está ao nosso lado, Deus ainda confia em nós! Mas pensai bem nisto: Deus está ao nosso lado, Deus ainda confia em nós! Este Deus Pai é generoso! Ele vem habitar com os homens, escolhe a terra como a sua morada para estar ao lado do homem e para se encontrar lá onde o homem transcorre os seus dias na alegria ou na dor. Portanto, a terra já não é só um «vale de lágrimas», mas o lugar onde o próprio Deus construiu a sua tenda, o lugar do encontro de Deus com o homem, da solidariedade de Deus para com os homens.

Deus quis compartilhar a nossa condição humana, a ponto de se fazer um só connosco na pessoa de Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Contudo, existe algo ainda mais surpreendente. A presença de Deus no meio da humanidade não se concretizou num mundo ideal, idílico, mas neste mundo real, marcado por muitas situações boas e más, caracterizado por divisões, maldade, pobreza, prepotências e guerras. Ele quis habitar na nossa história como ela é, com todo o peso dos seus limites e dos seus dramas. Agindo deste modo, demonstrou de modo insuperável a sua inclinação misericordiosa e repleta de amor pelas criaturas humanas. Ele é Deus connosco; Jesus é Deus connosco. Vós acreditais nisto? Juntos, façamos esta profissão: Jesus é Deus connosco! Jesus é Deus connosco desde sempre e para sempre ao nosso lado nos sofrimentos e nas dores da história. O Natal de Jesus é a manifestação de



que Deus se «alinhou» uma vez por todas da parte do homem, para nos salvar, para nos elevar da poeira das nossas misérias, das nossas dificuldades, dos nossos pecados.

É daqui que provém o grande «presente» do Menino de Belém: Ele traz-nos uma energia espiritual, uma energia que nos ajuda a não precipitar nas nossas dificuldades, nos nossos desesperos e nas nossas amarguras, porque se trata de uma energia que aquece e transforma o coração. Com efeito, o nascimento de Jesus traz-nos a bonita notícia de que somos amados imensa e singularmente por Deus, e de que Ele não só nos faz conhecer este amor, mas também no-lo concede, no-lo comunica!

Da contemplação jubilosa do mistério do Filho de Deus que nasceu para nós, podemos fazer duas considerações.

A primeira é que, se no Natal Deus se revela não como alguém que está no alto e que domina o universo, mas como Aquele que se abaixa, que desce sobre a terra pequenino e pobre, significa que para sermos semelhantes a Ele não devemos colocar-nos acima dos outros mas, ao contrário, abaixar-nos, pôr-nos ao seu serviço, tornar-nos pequeninos com os pequeninos, pobres com os pobres. Mas é triste quando vemos um cristão que não quer humilhar-se, que não aceita servir. É triste quando o cristão se vangloria em toda a parte: ele não é cristão, mas pagão. O cristão serve, abaixa-se. Façamos com que estes nossos irmãos e irmãs nunca se sintam sozinhos!

A segunda consideração: se, através de Jesus, Deus se comprometeu com o homem a ponto de se tornar como um de nós, quer dizer que tudo o que fizermos a um irmão ou a uma irmã, a Ele o fazemos. Foi o próprio Jesus quem no-lo recordou: quem alimenta, acolhe, visita e ama um destes mais pequeninos e mais pobres entre os homens, ao Filho de Deus que o faz.



Confiemo-nos a Deus, à intercessão maternal de Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, a fim de que nos ajude neste Santo Natal, já iminente, a reconhecer no rosto do nosso próximo, especialmente das pessoas mais frágeis e marginalizadas, a imagem do Filho de Deus que se fez homem.

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, a minha cordial saudação para todos, em particular para os fiéis brasileiros de Chapecó, com votos de um santo Natal repleto de consolações e graças do Deus Menino. Nos vossos corações, famílias e comunidades, resplandeça a luz do Salvador, que nos revela o Rosto terno e misericordioso do Pai do Céu. Ele vos abençoe com um Ano Novo sereno e feliz!

Dirijo uma saudação especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Estimados jovens, de maneira especial vós, membros dos vários grupos de escoteiros, aproximai-vos do mistério de Belém com os mesmos sentimentos de fé e de humildade que tinha Maria. Vós, amados doentes, encontrai no presépio aquele júbilo e aquela paz íntima que Jesus vem trazer ao mundo. E vós, queridos recém-casados, contemplai o exemplo da Sagrada Família de Nazaré, imitando as suas virtudes.

AUDIÊNCIA GERAL - Praça de São Pedro

Quarta-feira, 18 de Dezembro de 2013

Natal 2015

Nestes dias de Natal põe-se diante de nós o Menino Jesus. Estou convicto de que nos vossos lares ainda muitas famílias fazem o presépio, dando continuidade a esta bonita tradição, que remonta a São Francisco de Assis, e que conserva vivo nos nossos corações o mistério do Deus que se faz homem.

A devoção ao Menino Jesus é muito difundida. Numerosos santos e santas cultivaram-na na sua oração de todos os dias, com o desejo de modelar a própria vida segundo a do Menino Jesus. Penso, de modo especial, em santa Teresa de Lisieux que, como monja carmelita, tinha o nome de Teresa do

Menino Jesus e da Sagrada Face. Ela — que é inclusive Doutora da Igreja — soube viver e testemunhar aquela «infância espiritual» que se assimila precisamente através da meditação, na escola da Virgem Maria, da humildade de Deus que por nós se fez pequenino. E este é um mistério grandioso, Deus é humilde! Nós, que somos orgulhosos, cheios de vaidade e temos uma alta consideração de nós mesmos, nada somos! Ele, o grande, é humilde e faz-se menino. Trata-se de um verdadeiro mistério! Deus é humilde. E isto é bonito!

Houve um tempo em que, na Pessoa divino-humana de Cristo, Deus foi um menino, e isto deve ter um significado peculiar para a nossa fé. É verdade que a sua morte na cruz e a sua ressurreição são a máxima expressão do seu amor redentor, mas não nos esqueçamos de que toda a sua vida terrena é revelação e ensinamento. No período de Natal nós recordamos a sua infância. Para crescer na fé, deveríamos contemplar mais frequentemente o Menino Jesus. Sem dúvida, nada conhecemos daquele seu período. As raras indicações de que dispomos fazem referência à imposição do nome, oito dias depois do seu nascimento, e à sua apresentação no Templo (cf. *Lc 2, 21-28*); e além disso à visita dos Magos, com a conseqüente fuga para o Egito (cf. *Mt 2, 1-23*). Depois, há um grande salto até à idade de doze anos quando, com Maria e José, vai em peregrinação a Jerusalém para a Páscoa e, em vez de voltar com os seus pais, detém-se no Templo a falar com os doutores da lei.

Como se vê, sabemos pouco do Menino Jesus, mas poderemos aprender muito dele se contemplarmos a vida das crianças. É um bonito hábito que os pais e os avós têm de olhar para as crianças, para aquilo que elas fazem.

Antes de tudo, descobrimos que as crianças querem a nossa atenção. Elas devem estar no centro, porquê? Porque são orgulhosas? Não! Porque têm a necessidade de se sentir protegidas. Também nós temos a necessidade de pôr Jesus no centro da nossa vida e de saber, embora pareça paradoxal, que temos

a responsabilidade de o proteger. Ele deseja estar no nosso colo, quer receber cuidados e poder fixar o seu olhar no nosso. Além disso, fazer sorrir o Menino Jesus para lhe demonstrar o nosso amor e a nossa alegria porque Ele está no meio de nós. O seu sorriso é sinal do amor que nos confere a certeza de sermos amados. Por fim, as crianças gostam de brincar. Mas deixar que uma criança brinque significa abandonar a nossa lógica para entrar na dela. Se quisermos que ela se divirta, é necessário entender do que gosta e não ser egoístas, nem levá-la a fazer o que nos agrada. Isto é um ensinamento para nós. Diante de Jesus, somos chamados a abandonar a nossa pretensão de autonomia, — e este é o núcleo do problema: a nossa pretensão de autonomia — para aceitar, ao contrário, a verdadeira forma de liberdade, que consiste em conhecer quem está à nossa frente e servi-lo. Ele, Menino, é o Filho de Deus que vem para nos salvar. Veio entre nós para nos mostrar o rosto do Pai, rico de amor e de misericórdia. Portanto, abracemos o Menino Jesus, pondo-nos ao seu serviço: Ele é fonte de amor e de serenidade. E hoje, quando voltarmos para casa, será bom aproximar-nos do presépio, beijar o Menino Jesus e dizer: «Jesus, quero ser humilde como Tu, humilde como Deus», e pedir-lhe esta graça!

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, a minha cordial saudação para vós todos, desejando a cada um que sempre resplandeça, nos vossos corações, famílias e comunidades, a luz do Salvador, que nos revela o rosto terno e misericordioso do Pai do Céu. Abracemos o Deus Menino, colocando-nos ao seu serviço: Ele é fonte de amor e serenidade. Ele vos abençoe com um Ano novo sereno e feliz!

Dou cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, de maneira particular aos provenientes do Médio Oriente! Estimados irmãos e irmãs, o Menino Jesus quer estar no nosso colo e deseja ser acolhido. Abramos-lhe os nossos corações e os nossos lares, dispensando as dádivas do seu amor ao mundo! Que o Senhor vos abençoe!

Convido-vos a rezar pelas vítimas das calamidades que nestes dias atingiram os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a América do Sul, especialmente o Paraguai, infelizmente provocando mortes,



numerosos deslocados e prejuízos enormes. Que o Senhor conceda alívio àquelas populações, e que a solidariedade fraternas os socorra nas suas necessidades.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos enfermos e aos recém-casados. O ícone do presépio que contemplamos nestes dias vos ajude, prezados jovens, a imitar a Sagrada Família, modelo do verdadeiro amor; vos anime, amados doentes, a oferecer os vossos sofrimentos em união aos de Jesus, para a salvação do mundo; e vos encoraje, queridos recém-casados, a edificar o vosso lar sobre a rocha da Palavra de Deus, tornando-o, segundo o exemplo da casa de Nazaré, um lugar aconchegante, repleto de amor, de compreensão e de perdão.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 30 de dezembro de 2015

Advento 2016

Há pouco começamos um caminho de catequese sobre o tema da esperança, mais oportuno do que nunca no tempo de Advento. Quem nos orientou até agora foi o profeta Isaías. Hoje, a poucos dias do Natal, gostaria de meditar de modo mais específico sobre o momento em que, por assim dizer, a esperança entrou no mundo, com a encarnação do Filho de Deus. O próprio Isaías tinha prenunciado o nascimento do Messias nalguns trechos: «Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho, ao qual será dado o nome de Emanuel» (7, 14); e também: «Um renovo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará das suas raízes» (11, 1). Nestas passagens transparece o sentido do Natal: Deus cumpre a promessa, fazendo-se homem; não abandona o seu povo, aproxima-se a ponto de se despojar da sua divindade. De tal modo Deus demonstra a sua fidelidade e inaugura um Reino novo, que confere uma nova esperança à humanidade. E qual é esta esperança? A vida eterna.

Quando falamos de esperança, referimo-nos muitas vezes àquilo que não está no poder do homem e que não é visível. Com efeito, o que esperamos vai além das nossas forças e do nosso olhar. Mas o Natal de Cristo, inaugurando a redenção, fala-nos de uma esperança diferente, de uma esperança confiável, visível e compreensível, porque fundada em Deus. Ele entra no mundo e dá-nos a força de caminhar com Ele: Deus caminha ao nosso lado em Jesus, e caminhar com Ele rumo à plenitude da vida dá-nos a força de viver o presente de maneira nova, embora difícil. Então, para o cristão esperar significa a certeza de estar a caminho com Cristo rumo ao Pai que nos aguarda. A esperança nunca está parada, a esperança está sempre a caminho e leva-nos a caminhar. Esta esperança, que o Menino de Belém nos confere, oferece uma meta, um destino bom para o presente, a salvação à humanidade, a bem-aventurança a quantos confiam em Deus misericordioso. São Paulo resume tudo isto com a expressão: «Fomos salvos pela esperança» (Rm 8, 24). Ou seja, caminhando neste mundo, com esperança, fomos salvos. E aqui cada um de nós pode formular a pergunta: caminho com esperança ou a minha vida interior está parada, fechada? O meu coração é uma gaveta fechada ou uma gaveta aberta à esperança, que me faz caminhar não sozinho, mas com Jesus?

Nas casas dos cristãos, durante o tempo de Advento, prepara-se o presépio, segundo a tradição que remonta a São Francisco de Assis. Na sua simplicidade, o presépio transmite esperança; cada um dos personagens está imerso nesta atmosfera de esperança.

Antes de tudo, observamos o lugar em que Jesus nasce: Belém. Pequeno povoado da Judeia, onde mil anos antes tinha nascido David, o pequeno pastor escolhido por Deus como rei de Israel. Belém não é uma capital, e por isso é preferida pela providência divina, que gosta de agir através dos pequeninos e dos humildes. Naquele lugar nasce o «filho de David» tão esperado, Jesus, em quem se encontram a esperança de Deus e a esperança do homem.

Depois olhamos para Maria, Mãe da esperança. Com o seu «sim» abriu a Deus a porta do nosso mundo: o seu coração de jovem estava cheio de esperança, totalmente animada pela fé; e assim Deus escolheu-a e ela acreditou na sua palavra. Aquela que por nove meses foi a arca da nova e eterna Aliança, na gruta contempla o Menino e nele vê o amor de Deus, que vem para salvar o seu povo e a humanidade inteira. Ao lado de Maria está José, descendente de Jessé e de David; também ele acreditou nas palavras do anjo e, olhando para Jesus na manjedoura, medita que aquele Menino vem do Espírito Santo, e que o próprio Deus lhe ordenou que o chamassem assim, «Jesus». Naquele nome está a esperança para cada homem, porque mediante aquele filho de mulher, Deus salvará a humanidade da morte e do pecado. Por isso é importante olhar para o presépio!

E no presépio estão também os pastores, que representam os humildes e os pobres que esperavam o Messias, a «consolação de Israel» (Lc 2, 25) e a «libertação de Jerusalém» (Lc 2, 38). Naquele Menino veem o cumprimento das promessas e aguardam que a salvação de Deus finalmente chegue para cada um deles. Quem confia nas próprias seguranças, sobretudo materiais, não espera a salvação de Deus. Coloquemos isso na cabeça: as nossas seguranças não nos salvarão; a única segurança que nos salva é a esperança em Deus. Salva-nos porque é forte e nos leva a caminhar na vida com alegria, com o desejo de praticar o bem, com a vontade de ser felizes para a eternidade. Ao contrário, os pequeninos, os pastores, confiam em Deus, esperam n'Ele e alegram-se quando reconhecem naquele Menino o sinal indicado pelos anjos (cf. Lc 2, 12).

E precisamente o coro de anjos anuncia do alto o grande desígnio que aquele Menino realiza: «Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens, que Ele ama» (Lc 2, 14). A esperança cristã manifesta-se no louvor e na ação de graças a Deus, que inaugurou o seu Reino de amor, de justiça e de paz.

Estimados irmãos e irmãs, nestes dias, contemplando o presépio, preparamo-nos para o Natal do Senhor. Será verdadeiramente uma festa, se recebermos Jesus, semente de esperança que Deus coloca nos sulcos da nossa história pessoal e comunitária. Cada «sim» a Jesus que vem é um rebento de esperança. Tenhamos confiança neste rebento de esperança, neste sim: «Sim, Jesus, Tu podes salvar-me, Tu podes salvar-me». Feliz Natal de esperança a todos!

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, desejo um Natal verdadeiramente cristão a todos vós e às vossas famílias, de tal modo que os votos de «Boas Festas», que ides trocar uns com os outros, sejam expressão da alegria que sentis por saber que Deus está no meio de nós. Ele quer percorrer juntamente connosco o caminho da vida! Para todos, os meus votos de Santo Natal e feliz Ano Novo, repleto das bênçãos do Deus Menino.

Dou cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, em especial aos provenientes do Médio Oriente! Amados irmãos e irmãs, aproximai-vos do mistério de Belém com os mesmos sentimentos de fé e de humildade que teve Maria, hauri do presépio a alegria e a paz íntima que Jesus vem trazer ao mundo. Feliz Natal!

À luz de um encontro recente que tive com o Presidente e o Vice-Presidente da Conferência Episcopal da República Democrática do Congo, dirijo novamente um premente apelo a todos os congolezes para que, neste delicado momento da sua história, sejam artífices de reconciliação e de paz. Quem tem responsabilidades políticas ouça a voz da sua consciência, saiba ver os sofrimentos cruéis dos seus concidadãos e tenha a peito o bem comum. Garantindo o meu apoio e afeto ao amado povo daquele país, convido todos a deixar-se guiar pela luz do Redentor do mundo e rezo para que o Natal do Senhor abra caminhos de esperança.

Enfim, dirijo uma saudação especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Prezados jovens, preparai-vos para o mistério da Encarnação com a obediência de fé e a humildade que teve Maria. Vós, diletos doentes, hauri dela a força e o ardor por Jesus que vem entre nós. E vós, estimados recém-casados, contemplai o exemplo da sagrada Família de Nazaré, para praticar as mesmas virtudes no vosso caminho de vida familiar.

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 21 de dezembro de 2016

Natal 2017

Hoje gostaria de refletir convosco acerca do significado do Natal do Senhor Jesus, que nestes dias estamos a viver na fé e nas celebrações.

A construção do presépio e, sobretudo, a liturgia, com as suas Leituras bíblicas e os seus cânticos tradicionais, fizeram-nos reviver «o hoje» no qual «nasceu para nós o Salvador, Cristo Senhor» (Lc 2, 11).

Na nossa época, sobretudo na Europa, assistimos a uma espécie de «desvirtuação» do Natal: em nome de um falso respeito que não é cristão, que muitas vezes esconde a vontade de marginalizar a fé, elimina-se da festa qualquer referência ao nascimento de Jesus. Mas na realidade este acontecimento é o único verdadeiro Natal! Sem Jesus não há Natal; há outra festa, mas não o Natal. E se no centro estiver Ele, então também o que está à volta, ou seja, as luzes, os sons, as várias tradições locais, inclusive os alimentos característicos, tudo concorre para criar a atmosfera da festa, mas com Jesus no centro. Se O tirarmos, a luz apaga-se e tudo se torna falso, aparente.

Através do anúncio da Igreja, nós, como os pastores do Evangelho (cf. Lc 2, 9), somos guiados a procurar e encontrar a verdadeira luz, a de Jesus que, tendo-se feito homem como nós, se mostra de maneira surpreendente: nasce de uma modesta jovem desconhecida, que o dá à luz num estábulo, só com a ajuda do marido... O mundo não se apercebe de nada, mas no céu os anjos que estão ao corrente exultam! E é assim que o Filho de Deus se apresenta também hoje a nós: como o dom de Deus para a humanidade que está imersa na noite e

no torpor do sono (cf. *Is* 9, 1). E ainda hoje assistimos ao facto de que muitas vezes a humanidade prefere a escuridão, porque sabe que a luz revelaria todas aquelas ações e pensamentos que fariam corar ou atormentar a consciência. Assim, prefere-se permanecer na escuridão e não alterar os próprios hábitos errados.

Então podemos perguntar-nos o que significa aceitar o dom de Deus que é Jesus. Como Ele mesmo nos ensinou com a sua vida, significa tornar-se diariamente um dom gratuito para quantos se encontram no nosso caminho. Eis por que no Natal trocamos prendas. O verdadeiro dom para nós é Jesus, e como Ele queremos ser dom para os demais. E, dado que queremos ser dom para os outros, trocamos oferendas, como sinal, como sinal desta atitude que Jesus nos ensina: Ele, enviado pelo Pai, foi dom para nós, e nós somos dom para os outros.

O apóstolo Paulo oferece-nos uma chave de leitura sintética, quando escreve — é bonito este excerto de Paulo — «Porque a graça salvadora de Deus se manifestou a todos os homens, ensinando-nos a viver neste mundo com sobriedade, justiça e piedade» (cf. *Tt* 2, 11-12). A graça de Deus «manifestou-se» em Jesus, rosto de Deus, que a Virgem Maria deu à luz como cada criança deste mundo, mas que não veio «da terra», veio «do Céu», de Deus. Deste modo, com a encarnação do Filho, Deus abriu-nos o caminho da nova vida, fundada não sobre o egoísmo mas sobre o amor. O nascimento de Jesus é o maior gesto de amor do nosso Pai celeste.

E, por fim, um último aspeto importante: no Natal podemos ver como a história humana, que é movida pelos poderosos deste mundo, é visitada pela história de Deus. E Deus envolve aqueles que, confinados às margens da sociedade, são os primeiros destinatários do seu dom, ou seja — a dávida — a salvação que Jesus trouxe. Com os pequenos e com os desprezados Jesus



estabelece uma amizade que continua no tempo e alimenta a esperança num futuro melhor. A estas pessoas, representadas pelos pastores de Belém, «apareceu uma grande luz» (Lc 2, 9-12). Eles eram marginalizados, eram mal considerados, desprezados, mas foram os primeiros aos quais foi dada a grande notícia. Com estas pessoas, com os pequeninos e os desprezados, Jesus estabelece uma amizade que continua no tempo e alimenta a esperança de um futuro melhor. A estas pessoas, representadas pelos pastores de Belém, apareceu uma grande luz, que os conduziu até Jesus. Com eles, em todos os tempos, Deus quer construir um mundo novo, um mundo no qual já não há pessoas rejeitadas, maltratadas e indigentes.

Amados irmãos e irmãs, nestes dias abramos a mente e o coração para receber esta graça. Jesus é o dom de Deus para nós e, se o acolhermos, também nós podemos tornar-nos tais para os outros — ser dom de Deus para os outros — antes de tudo para todos aqueles que nunca receberam atenções nem ternura. Mas quantas pessoas nunca experimentaram na sua vida uma carícia, uma atenção de amor, um gesto de ternura... O Natal estimula-nos a fazê-lo. Assim Jesus vem nascer ainda na vida de cada um de nós e, através de nós, continua a ser dom de salvação para os pequeninos e os excluídos.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, desejo a vós e às vossas famílias um Natal verdadeiramente cristão, de tal modo que os votos de «Boas Festas», que trocamos entre nós, sejam expressão da alegria que sentimos por saber que Deus está presente no nosso meio e caminha connosco. Para todos, formulo votos de um bom Ano Novo, repleto de bênçãos do Deus Menino.

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 27 de dezembro de 2017

Natal 2018

Daqui a seis dias será Natal! As árvores, as decorações e as luzes em toda a parte recordam que também este ano haverá festa. A máquina publicitária convida a trocar presentes sempre novos para fazer surpresas. Mas pergunto-me: é esta a festa que agrada a Deus? De que Natal gostaria Ele, de que presentes e de que surpresas?

Olhemos para o primeiro Natal da história para descobrir os gostos de Deus. Aquele primeiro Natal da História foi *repleto de surpresas*. Começa-se com Maria, que era noiva de José: chega o Anjo e a sua vida muda. De virgem passa a ser mãe. Continua-se com José, chamado a ser pai de um filho sem o ter gerado. Um Filho que — golpe de teatro — chega no momento menos indicado, ou seja, quando Maria e José eram noivos, e segundo a Lei não podiam morar juntos. Diante do escândalo, o bom senso dessa época convidava José a repudiar Maria e a preservar o seu bom nome, mas ele, não obstante tivesse esse direito, surpreende: a fim de não prejudicar Maria, pensa em rejeitá-la secretamente, à custa de perder a própria reputação. Em seguida, outra surpresa: em sonho, Deus muda-lhe os planos e pede-lhe que receba Maria. Depois do nascimento de Jesus, quando tinha os seus projetos para a família, de novo em sonho, é-lhe dito que se levante e vá para o Egito. Em síntese, o Natal traz consigo inesperadas mudanças de vida. E se quisermos viver o Natal, devemos abrir o coração e estar dispostos às surpresas, ou seja, a uma inesperada mudança de vida.

Mas é na noite de Natal que chega a maior surpresa: o Altíssimo é um pequeno Menino. A Palavra divina é um infante, que literalmente significa “incapaz de falar”. E a Palavra divina torna-se “incapaz de falar”. Quem acolhe o

Salvador não são as autoridades da época ou do lugar, nem os embaixadores, não; são simples pastores que, surpreendidos pelos anjos enquanto trabalhavam de noite, acorrem sem hesitar. Quem teria imaginado? Natal significa celebrar *o inédito de Deus*, ou melhor, celebrar *um Deus inédito*, que inverte as nossas lógicas e expectativas.

Então, *celebrar o Natal* significa acolher na terra as surpresas do Céu. Não se pode viver “terra a terra”, tendo o Céu trazido as suas novidades ao mundo. O Natal inaugura uma nova época, onde a vida não se programa, mas dá-se; onde já não se vive para si, com base nos próprios gostos, mas para Deus e com Deus, porque a partir do Natal Deus é o Deus conosco, que vive conosco, que caminha conosco. Viver o Natal é deixar-se despertar pela sua novidade surpreendente. O Natal de Jesus não oferece o calor aconchegante da lareira, mas o arrepio divino que abala a história. O Natal é a desforra da humildade sobre a arrogância, da simplicidade sobre a abundância, do silêncio sobre a algazarra, da oração sobre o “meu tempo”, de Deus sobre o meu ego.

Celebrar o Natal significa fazer como Jesus, que veio para nós, necessitados, e *descer* ao encontro de quantos precisam de nós. Significa fazer como Maria: *confiar*, dóceis a Deus, mesmo sem entender o que Ele fará. Celebrar o Natal é fazer como José: levantar-se para realizar o que Deus quer, embora não seja segundo os nossos planos. São José é surpreendente: nunca fala no Evangelho: no Evangelho não há nem sequer uma palavra de José; e o Senhor fala-lhe precisamente no silêncio, fala-lhe no sono. O Natal significa preferir a voz silenciosa de Deus aos barulhos do consumismo. Se soubermos permanecer em silêncio diante do Presépio, também para nós o Natal será uma surpresa, não algo já visto. Estar em silêncio perante o Presépio: eis o convite para o Natal! Reserva algum tempo, vai diante do Presépio e permanece em silêncio. E sentirás, verás a surpresa!

Mas infelizmente, pode-se *errar a festa* e, às novidades do Céu, preferir as coisas habituais da terra. Se o Natal permanecer somente uma bonita festa tradicional, em cujo centro estivermos nós e não Ele, será uma oportunidade perdida. Por favor, não *mundanizemos* o Natal! Não deixemos de lado o Festejado, como quando «veio entre os seus, mas os seus não o receberam» (Jo 1, 11). O Senhor alertou-nos desde o primeiro Evangelho do Advento, pedindo-nos para não nos sobrecarregarmos com «dissipações» e «preocupações da vida» (Lc 21, 34). Nestes dias corremos talvez como nunca durante o ano. Mas assim fazemos o oposto daquilo que Jesus quer. Damos a culpa às numerosas atividades que enchem os dias, ao mundo que corre. E no entanto Jesus não deu a culpa ao mundo, mas pediu-nos para não nos deixarmos arrastar, para velarmos a cada momento rezando (cf. v. 36).

Eis que *será Natal* se, como José, dermos espaço ao silêncio; se, como Maria, dissermos “*eis-me*” a Deus; se, como Jesus, permanecermos próximos de quem está sozinho; se, como os pastores, sairmos dos nossos ambientes fechados para estar com Jesus. Será Natal, se encontrarmos a luz na pobre gruta de Belém. *Não será Natal*, se procurarmos os brilhos cintilantes do mundo, se nos enchermos de presentes, almoços e jantares, mas não ajudarmos nem sequer um pobre, que se assemelha com Deus, porque no Natal Deus veio pobre.

Caros irmãos e irmãs, desejo-vos feliz Natal, um Natal rico de surpresas de Jesus! Poderão parecer surpresas incómodas, mas são os gostos de Deus. Se os aceitarmos, faremos a nós mesmos uma maravilhosa surpresa! Cada um de nós tem, escondida no coração, a capacidade de se surpreender. Deixemo-nos surpreender por Jesus neste Natal!



Queridos peregrinos de língua portuguesa, saúdo-vos a todos com votos dum Santo Natal, portador das consolações e graças do Deus Menino, para vós e vossa família. E sê-lo-á certamente, se a vossa família souber colocá-lo, a Ele e à sua Lei, no centro da vida, tornando-se uma escola de fé, de oração, de humanidade e de verdadeira alegria. De coração vos abençoo a todos, desejando-vos um sereno e feliz Ano Novo!

Dou as cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, de maneira particular aos provenientes da Síria, do Líbano e do Médio Oriente. Para viver o Natal, devemos transformar: com o amor, os nossos corações em Presépio; com a oração, as nossas casas em manjedoura; e com o bem, as nossas estradas em oásis. O Menino Divino nos ensine a olhar para o Céu com os seus olhos e a fitá-lo com o Coração de Maria e com o silêncio orante de São José. Que o Senhor vos abençoe e vos proteja do maligno!

Dirijo um pensamento particular aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados.

O nascimento do Senhor Jesus é iminente! A festividade que celebraremos também este ano, na Noite Santa da sua Natividade, desperte em nós a ternura de Deus por toda a humanidade quando, em Jesus, não desdenhou assumir, de maneira incondicional, a nossa natureza humana. Confiemo-nos a Maria e a José, a fim de que nos ensinem a receber uma dádiva tão grandiosa: o Emanuel, o Deus conosco!

AUDIÊNCIA GERAL - Sala Paulo VI

Quarta-feira, 19 de dezembro de 2018

Natal 2019

Daqui a uma semana será Natal. Nestes dias, enquanto se corre para preparar a festa, podemos perguntar-nos: “Como me preparo para a natividade do Aniversariante?”. Uma maneira simples mas eficaz de se preparar é fazer o presépio. Este ano também eu segui este caminho: fui a Greccio, onde São Francisco fez o primeiro presépio, com os habitantes do lugar. E escrevi uma carta para recordar o significado desta tradição, o que significa o presépio no tempo do Natal.

Com efeito, o presépio «é como um Evangelho vivo» (Carta ap. Admirabile signum, 1). Leva o Evangelho aos lugares onde se vive: aos lares, às escolas, aos locais de trabalho e de encontro, aos hospitais e às casas de repouso, às prisões e às praças. E o lugar onde vivemos recorda-nos algo essencial: que Deus não permaneceu invisível no Céu, mas veio à Terra, tornando-se homem, uma criança. Fazer o presépio significa celebrar a proximidade de Deus. Deus esteve sempre perto do seu povo, mas quando se encarnou e nasceu, estava muito perto, deveras próximo. Fazer o presépio significa celebrar a proximidade de Deus, é redescobrir que Deus é real, concreto, vivo e palpitante. Deus não é um senhor distante, nem um juiz afastado, mas é Amor humilde, que desceu até nós. O Menino no presépio transmite-nos a sua ternura. Algumas imagens representam a “Criancinha” de braços abertos, para nos dizer que Deus veio para abraçar a nossa humanidade. Então, é bom permanecer diante do presépio e ali confiar ao Senhor a vida, falar com Ele sobre as pessoas e as situações que nos estão a peito, fazer com Ele um balanço do ano que chega ao fim, compartilhar as expectativas e preocupações.

Ao lado de Jesus vemos Nossa Senhora e São José. Podemos imaginar os pensamentos e sentimentos que eles tinham quando o Menino nasceu na pobreza: alegria, mas também consternação. E podemos convidar a Sagrada Família para a nossa casa, onde há alegrias e preocupações, onde todos os dias acordamos, comemos e dormimos ao lado dos nossos entes queridos. O presépio é um Evangelho doméstico. A palavra presépio significa literalmente “manjedoura”, enquanto que a cidade do presépio, Belém, significa “casa do pão”. Manjedoura e casa do pão: o presépio que fazemos em casa, onde compartilhamos alimento e afetos, recorda-nos que Jesus é a nutrição, o pão da vida (cf. Jo 6, 34). É Ele que alimenta o nosso amor, é Ele que dá às nossas famílias a força para ir em frente e para nos perdoarmos.

O presépio oferece-nos outro ensinamento de vida. Nos ritmos por vezes frenéticos de hoje, é um convite à contemplação. Recorda-nos a importância de parar, pois só quando sabemos recolher-nos podemos acolher o que conta na vida. Somente quando deixamos fora de casa a confusão do mundo, nos abrimos à escuta de Deus, que fala no silêncio. O presépio é atual, é a atualidade de cada família. Ontem ofereceram-me o pequeno santinho de um presépio especial, com esta frase: “Deixemos que a mãezinha descanse”. Estavam representados Nossa Senhora adormecida e José com o Menino, que o embalava. Quantos de vós deveis dividir a noite entre marido e esposa, para cuidar do menino ou da menina que chora, chora, chora. “Deixai que a mãezinha descanse” é a ternura de uma família, de um matrimónio.

O presépio é atual como nunca, enquanto todos os dias se fabricam no mundo tantas armas, com imagens violentas, que entram nos olhos e no coração. O presépio é, ao contrário, uma imagem artesanal da paz. Por este motivo é um Evangelho vivo.

Amados irmãos e irmãs, do presépio podemos extrair, em última análise, um ensinamento sobre o próprio sentido da vida. Vemos cenas quotidianas: pastores com ovelhas, ferreiros que trabalham o ferro, moleiros que fazem o pão; às vezes inserem-se paisagens e situações dos nossos territórios. É correto, porque o presépio nos recorda que Jesus entra na nossa vida concreta. E isto é importante! Fazer um pequeno presépio em casa, sempre, porque é a recordação de que Deus veio até nós, nasceu de nós, nos acompanha na vida, é homem como nós, tornou-se homem como nós. Na vida de todos os dias já não estamos sozinhos, Ele vive connosco. Não muda magicamente as coisas, mas se o aceitarmos, tudo pode mudar. Então, desejo-vos que fazer o presépio seja uma ocasião para convidar Jesus para a vida. Quando fazemos o presépio em casa, é como abrir a porta e dizer: “Entra, Jesus!”, é como tornar concreta esta proximidade, este convite a Jesus para que entre na nossa vida. Porque se Ele



habitar a nossa vida, a vida renascerá. E se a vida renascer, será realmente Natal. Feliz Natal a todos!

No final da catequese, saudando os vários grupos de peregrinos presentes na sala, o Papa agradeceu a quantos, do mundo inteiro, lhe transmitiram os bons votos por ocasião dos 50 anos de sacerdócio e do seu 83º aniversário. Eis algumas das saudações do Pontífice.

Estimados irmãos e irmãs!

Queridos peregrinos de língua portuguesa, desejo feliz Natal a todos! Obrigado sobretudo pelas orações oferecidas por mim. A todos desejo também um bom Ano Novo, repleto das bênçãos de Deus Menino!

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua árabe, de modo especial os provenientes da Terra Santa, da Jordânia e do Médio Oriente. O Senhor da glória deixou o céu para estar connosco e transformar a nossa terra em céu. O presépio pelo qual Ele anseia é precisamente o nosso coração, pois quer oferecer-nos a sua paz inabalável e a sua vida eterna. É isto que transforma o mundo. Desejo Feliz Natal a todos vós; e agradeço a todos aqueles que nestes dias, de muitas partes do mundo, me enviaram mensagens de bons votos por ocasião do jubileu de ouro sacerdotal e do aniversário. Obrigado sobretudo pelo dom da oração! O Senhor vos abençoe a todos e vos proteja sempre do maligno!

Por fim, saúdo os jovens, os idosos, os doentes e os recém-casados. Faltam apenas alguns dias para o Santo Natal do Senhor Jesus. A exemplo da Sagrada Família, preparemo-nos para o receber com alegria, deixando que Ele invada o nosso coração com o seu amor por cada um de nós.

Feliz Natal a todos vós!

AUDIÊNCIA GERAL – S. Paulo VI

Quarta-feira, 18 de dezembro de 2019

Natal 2020

Nesta catequese, no período que antecede o Natal, gostaria de oferecer alguns pontos de reflexão em preparação para a celebração do Natal. Na Liturgia da Noite ressoará o anúncio do anjo aos pastores: «Não temais, eis que vos anuncio uma Boa Nova que será alegria para todo o povo: hoje nasceu-vos na Cidade de David um Salvador, que é Cristo Senhor. Isto servir-vos-á de sinal, achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura» (Lc 2, 10-12).

Imitando os pastores, também nós caminhamos espiritualmente para Belém, onde Maria deu à luz o Menino num estábulo, «pois - diz São Lucas - não havia para eles lugar na hospedaria» (2, 7). O Natal tornou-se uma festa universal e até quem não acredita sente o encanto deste evento. Contudo, os cristãos sabem que o Natal é um acontecimento decisivo, um fogo eterno que Deus acendeu no mundo, e não pode ser confundido com coisas efémeras. É importante que não seja reduzido a uma celebração meramente sentimental ou consumista. No domingo passado chamei a atenção sobre este problema, evidenciando que o consumismo nos sequestrou o Natal. Não: o Natal não se deve reduzir a festa unicamente sentimental ou consumista, rica de prendas e bons votos, mas pobre de fé cristã, e pobre também de humanidade. Portanto, é necessário refrear uma certa mentalidade mundana, incapaz de compreender o núcleo incandescente da nossa fé, que é o seguinte: «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, a glória que o Filho unigénito recebe do



seu Pai, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14). Este é o núcleo do Natal, aliás: é a verdade do Natal, não há outra.

O Natal convida-nos a refletir, por um lado, sobre a dramaticidade da história, em que homens e mulheres, feridos pelo pecado, procuram incessantemente a verdade, vão em busca de misericórdia e de redenção; e, por outro, sobre a bondade de Deus, que veio ao nosso encontro para nos comunicar a Verdade que salva e para nos tornar participantes da sua amizade e da sua vida. Recebemos este dom de graça, é pura graça, sem o nosso mérito. Há um Santo Padre que diz: “Mas olhai deste lado, do outro, de lá: procurai o mérito e só encontrareis graça”. Tudo é graça, um dom de graça. Recebemos este dom de graça através da simplicidade e da humanidade do Natal, e ele pode remover dos nossos corações e das nossas mentes o pessimismo que hoje se difundiu ainda mais por causa da pandemia. Podemos superar esta sensação de desconcerto inquietador, sem nos deixarmos dominar pelas derrotas e fracassos, na consciência redescoberta de que aquele Menino humilde e pobre, escondido e indefeso, é o próprio Deus, que se fez homem para nós. O Concílio Vaticano II, numa célebre passagem da Constituição sobre a Igreja no mundo contemporâneo, diz-nos que este acontecimento se refere a cada um de nós: «Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado» (Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, 22). Mas Jesus nasceu há dois mil anos, e diz respeito a mim? – Sim, diz respeito a ti e a mim, a cada um de nós. Jesus é um de nós: Deus, em Jesus, é um de nós.

Esta realidade dá-nos muita alegria e coragem. Deus não nos desprezou, não olhou para nós de longe, não passou ao nosso lado, não sentiu repulsa da nossa miséria, não se vestiu com um corpo aparente, mas assumiu plenamente

a nossa natureza e condição humana. Nada excluiu, exceto o pecado: a única coisa que Ele não tem. Toda a humanidade está n'Ele. Ele assumiu tudo o que somos, tal como somos. Isto é essencial para a compreensão da fé cristã. Refletindo sobre o seu caminho de conversão, Santo Agostinho escreve nas suas Confissões: «Ainda não tinha a humildade suficiente para possuir o meu Deus, o humilde Jesus, ainda não conhecia os ensinamentos da sua fraqueza» (Confissões VII, 8). E qual é a fraqueza de Jesus? A “fraqueza” de Jesus é um “ensinamento”! Porque nos revela o amor de Deus. O Natal é a festa do Amor encarnado, do amor nascido por nós em Jesus Cristo. Jesus Cristo é a luz dos homens que resplandece nas trevas, que dá sentido à existência humana e a toda a história.

Queridos irmãos e irmãs, que estas breves reflexões nos ajudem a celebrar o Natal com maior consciência. Mas há outra forma de preparação que quero lembrar, tanto a vós como a mim, e que está ao alcance de todos: meditar um pouco em silêncio diante do presépio. O presépio é uma catequese daquela realidade, do que foi feito naquele ano, naquele dia, que ouvimos no Evangelho. Por este motivo, no ano passado escrevi uma Carta, que nos fará bem reler. Intitula-se “Admirabile signum”, “Sinal admirável”. Na escola de São Francisco de Assis, podemos tornar-nos um pouco crianças, permanecer em contemplação da cena da Natividade, deixando que renasça em nós a admiração da forma “maravilhosa” como Deus quis vir ao mundo. Peçamos a graça da admiração: face a este mistério, a esta realidade tão terna, tão bela, tão próxima dos nossos corações, que o Senhor nos conceda a graça da admiração, para que O encontremos, para que nos aproximemos d'Ele, para que nos aproximemos de todos nós. Isto irá renascer em nós a ternura. Há dias, falando com alguns cientistas, comentava-se a inteligência artificial e os robôs... há robôs programados para tudo e para todos, e isto vai progredindo. E eu disse-lhes: “Mas o que nunca serão capazes de fazer os robôs?” Eles pensaram,

deram sugestões, mas no final concordaram num ponto: a ternura. Isto os robôs não serão capazes de fazer. E é isto que Deus nos traz hoje: uma forma maravilhosa pela qual Deus quis vir ao mundo, o que reaviva a ternura em nós, a ternura humana que está próxima daquela de Deus. E hoje temos tanta necessidade de ternura, tanta necessidade de carícias humanas, face a tanta miséria! Se a pandemia nos obrigou a estar mais distantes, Jesus, no presépio, mostra-nos o caminho da ternura para estarmos próximos, para sermos humanos. Sigamos este caminho. Feliz Natal!

Saudações:

Queridos ouvintes de língua portuguesa, desejo a todos um santo Natal. Se a pandemia nos obrigou a estar mais distanciados, Jesus, no presépio, mostra-nos o caminho da ternura para continuarmos vizinhos, para sermos humanos. Assim vos abençoe o Deus Menino para terdes um Ano Novo sereno e feliz!

Resumo da catequese do Santo Padre:

O Natal é a festa do Amor encarnado e nascido para nós em Jesus Cristo. Ele é a luz dos homens que brilha nas trevas, dando sentido à existência humana e à história inteira. Nesta, de facto, é palpável a condição dramática da humanidade, que se afadiga numa busca incessante de verdade, misericórdia e redenção para o mal que a infeta, deforma e oprime. O remédio, porém, não está ao nosso alcance, escapa às nossas simples forças; e, desiludidos, deixamo-nos cair no pessimismo e desespero. Um homem, sozinho, não basta! E Deus veio ao nosso encontro, tornando-nos participantes da sua amizade e da sua vida, quando assumiu a natureza humana em Jesus. Nascido da Virgem Maria, Ele tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. Deus não Se limitou a olhar-nos lá do alto, não passou ao largo, nem sentiu repugnância pela miséria em que caímos, mas assumiu tudo o que somos



e como somos. Todo este dom de graça, descobrimo-lo na simplicidade e humanidade do Deus Menino, reclinado numa manjedoura. O Natal é um acontecimento decisivo, um fogo perene que Deus acendeu no mundo, o núcleo incandescente da nossa fé assim expressa no evangelho de São João: «o Verbo fez-Se homem e veio habitar connosco» (1, 14).

AUDIÊNCIA GERAL - *Biblioteca do Palácio Apostólico*

Quarta-feira, 23 de dezembro de 2020

Natal 2021

O nascimento de Jesus

Hoje, poucos dias antes do Natal, gostaria de recordar convosco o acontecimento do qual a história não pode prescindir: o nascimento de Jesus.

A fim de cumprir o decreto do Imperador César Augusto que ordenava que todos se recenseassem na própria cidade de origem, José e Maria foram de Nazaré a Belém. Assim que chegaram, procuraram imediatamente uma hospedaria, porque o parto era iminente; mas infelizmente não a encontraram, e assim Maria foi obrigada a dar à luz numa manjedoura (cf. Lc 2, 1-7).

Pensemos: ao Criador do universo... a Ele não foi concedido um lugar para nascer! Talvez fosse uma antecipação do que o evangelista João diz: «Veio entre os seus, e os seus não o receberam» (1, 11); e do que o próprio Jesus dirá: «As raposas têm os seus covis e as aves do ar os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça» (Lc 9, 58).

Um anjo anunciou a simples pastores o nascimento de Jesus. E foi uma estrela que indicou aos Magos o caminho para Belém (cf. Mt 2, 1, 9-10). O anjo é um mensageiro de Deus. A estrela recorda-nos que Deus criou a luz (Gn 1, 3) e que aquele Menino será “a luz do mundo”, como Ele mesmo se autodefinirá (cf. Jo 8, 12.46), a «verdadeira luz [...] que ilumina todo o homem» (Jo 1, 9), que «resplandece nas trevas, mas as trevas não a admitiram» (v. 5).

Os pastores personificam os pobres de Israel, pessoas humildes que interiormente vivem com a consciência da própria falta, e precisamente por isto confiam mais do que os outros em Deus. Eles foram os primeiros a ver o Filho de Deus feito homem, e este encontro muda-os profundamente. O Evangelho observa que voltaram «glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto» (Lc 2, 20).

Os Magos estão também em volta de Jesus que acabou de nascer (cf. Mt 2, 1-12). Os Evangelhos não nos dizem que eles eram reis, nem o número, nem os nomes. Com certeza, sabe-se apenas que de um país distante do Oriente (pode-se pensar na Babilônia, na Arábia do Sul ou na Pérsia daquele tempo) partiram em busca do Rei dos Judeus, que nos seus corações identificaram com Deus, pois disseram que o queriam adorar. Os Magos representam os povos pagãos, em particular todos aqueles que ao longo dos séculos procuraram Deus e se propuseram encontrá-lo. Representam também os ricos e os poderosos, mas só aqueles que não são escravos da posse, que não estão “possuídos” pelas coisas que pensam possuir.

A mensagem dos Evangelhos é clara: o nascimento de Jesus é um acontecimento universal que diz respeito a todos os homens.

Amados irmãos e amadas irmãs, só a humildade é o caminho que nos conduz a Deus e, ao mesmo tempo, precisamente porque nos conduz a Ele,

leva-nos também ao essencial da vida, ao seu verdadeiro significado, à razão mais fiável pela qual vale a pena viver a vida.

Só a humildade nos abre à experiência da verdade, da alegria genuína, do conhecimento que conta. Sem humildade, estamos “desligados”, somos excluídos da compreensão de Deus, da compreensão de nós mesmos. É preciso ser humilde para nos compreendermos a nós mesmos, e mais ainda para compreender Deus. Os Magos podiam ter sido grandes de acordo com a lógica do mundo, mas tornam-se pequenos, humildes, e por esta mesma razão conseguem encontrar Jesus e reconhecê-lo. Aceitam a humildade de procurar, de se pôr a caminho, de perguntar, de arriscar, de cometer erros...

Cada homem, no íntimo do seu coração, é chamado a procurar Deus: todos nós, temos aquela inquietação e o nosso trabalho consiste em não apagar aquela inquietação, mas deixá-la crescer, pois é a inquietação de procurar Deus; e, com a sua própria graça, pode encontrá-lo. Fazemos nossa a oração de Santo Anselmo (1033-1109): «Senhor, ensina-me a procurar-vos. Mostrai-vos, quando vos procuro. Não posso procurar-vos se não me ensinardes; nem encontrar-vos se não vos mostrardes. Que eu vos procure, desejando-vos e vos deseje procurando-vos! Que eu vos encontre, procurando-vos e vos ame, encontrando-vos! (Proslogion, 1).

Queridos irmãos e irmãs, gostaria de convidar todos os homens e mulheres a ir à gruta de Belém para adorar o Filho de Deus feito homem. Cada um de nós se aproxime do presépio que tem em casa ou na igreja, ou noutro lugar, e procure fazer um ato de adoração, intimamente: “Creio que tu és Deus, que este menino é Deus. Por favor, concede-me a graça da humildade para poder compreender isto”.

Em primeiro lugar, aproximando-nos do presépio e rezando, gostaria de colocar os pobres, que – como exortava São Paulo VI – «devemos amar, porque

de certa forma eles são sacramento de Cristo; neles – nos famintos, nos sedentos, nos exilados, nos nus, nos doentes, nos encarcerados – Ele quis identificar-se misticamente. Devemos ajudá-los, devemos sofrer com eles, e também devemos segui-los, porque a pobreza é o caminho mais seguro para a plena posse do Reino de Deus» (Homilia, 1 de maio de 1969). Por isso devemos pedir a humildade como uma graça: “Senhor, que eu não seja soberbo, que não seja autossuficiente, que não me considere o centro do universo. Faz-me humilde. Dá-me a graça da humildade. E com esta humildade que eu possa encontrar-te. É o único caminho, sem humildade nunca encontraremos Deus: encontraremos nós mesmos. Pois uma pessoa sem humildade não tem horizontes diante de si, tem apenas um espelho: olha para si mesmo. Peçamos ao Senhor que quebre o espelho para que possamos olhar além, para o horizonte, onde Ele está. Mas isto deve ser feito por Ele: conceder-nos a graça e a alegria da humildade para percorrer este caminho.

Depois, irmãos e irmãs, gostaria de acompanhar a Belém, como fez a estrela com os Magos, todos aqueles que não têm uma inquietação religiosa, que não se colocam o problema de Deus, ou até lutam contra a religião, todos aqueles que são inadequadamente denominados ateus. Gostaria de lhes repetir a mensagem do Concílio Vaticano II: «A Igreja defende que o reconhecimento de Deus de modo algum se opõe à dignidade do homem, uma vez que esta dignidade se funda e se realiza no próprio Deus [...] a Igreja sabe perfeitamente que a sua mensagem está de acordo com os desejos mais profundos do coração humano» (Gaudium et spes, 21).

Voltemos para casa com o desejo dos anjos: «Paz na terra aos homens por Ele amados». Lembremo-nos sempre: «Não fomos nós que amámos Deus, mas foi ele que nos amou [...]. Ele amou-nos primeiro» (1 Jo 4, 10.19), procurou-nos. Não nos esqueçamos disto.

Esta é a razão da nossa alegria: fomos amados, fomos procurados, o Senhor procura-nos para nos encontrar, para nos amar ainda mais. Este é o motivo da alegria: saber que fomos amados sem qualquer mérito, somos sempre precedidos por Deus no amor, um amor tão concreto que se tornou carne e veio habitar entre nós, naquele Menino que vemos no presépio. Este amor tem um nome e um rosto: Jesus é o nome e o rosto do amor que é o fundamento da nossa alegria. Irmãos e irmãs, desejo-vos um feliz Natal, um bom e santo Natal. E gostaria que – sim, haverá os bons votos, as reuniões de família, isto é muito bonito, sempre – mas que haja também a consciência de que Deus vem “para mim”. Cada um diga: Deus vem para mim. A consciência de que para procurar Deus, para encontrar Deus, para aceitar Deus é necessária a humildade: olhar com humildade para a graça de quebrar o espelho da vaidade, da soberba, de olhar para nós mesmos. Olhar para Jesus, olhar para o horizonte, olhar para Deus que vem até nós e que toca o coração com aquela inquietação que nos conduz à esperança. Feliz e santo Natal!

Saudações:

Queridos fiéis de língua portuguesa, voltemos para casa guardando no coração este anseio formulado pelos anjos: paz na terra aos homens que Deus ama. Recordemo-nos sempre disto: não fomos nós que primeiramente amámos Deus, mas foi Ele que nos amou primeiro. É este o motivo da nossa alegria. Desejo a cada um de vós e respetiva família, Feliz e Santo Natal.

APELO

Durante a minha viagem a Chipre e à Grécia, pude experimentar mais uma vez a humanidade ferida dos refugiados e migrantes. Constatei também que só alguns países europeus estão a suportar a maior parte das consequências do fenómeno migratório na zona mediterrânea, quando na realidade exige uma responsabilidade partilhada por todos, da qual nenhum país se pode eximir, porque é um problema de humanidade.

Em particular, graças à generosa abertura das autoridades italianas, pude trazer para Roma um grupo de pessoas que conheci durante a minha viagem: hoje, alguns estão aqui entre nós. Bem-vindos!



Ocupar-nos-emos deles, como Igreja, nos próximos meses. É um pequeno sinal, espero que sirva de estímulo para os outros países europeus, de modo a permitir que as realidades eclesiais locais se encarreguem de outros irmãos e irmãs que precisam urgentemente de ser recolocados, acompanhados, promovidos e integrados.

De facto, são muitas as Igrejas locais, as congregações religiosas e as organizações católicas que estão prontas para os acolher e acompanhar para uma fecunda integração. Serve apenas abrir uma porta, a porta do coração! Não deixemos de o fazer neste Natal!

AUDIÊNCIA GERAL - Biblioteca do Palácio Apostólico

Quarta-feira, 22 de dezembro de 2021

Natal 2022

O Natal com São Francisco de Sales

Este tempo litúrgico convida-nos a fazer uma pausa e a refletir sobre o mistério do Natal. E dado que precisamente hoje se celebra o quarto centenário da morte de São Francisco de Sales, Bispo e Doutor da Igreja, podemos tirar sugestões de alguns dos seus pensamentos. Ele escreveu muito sobre o Natal. A este propósito, tenho o prazer de anunciar que hoje está a ser publicada a Carta Apostólica que comemora este aniversário. O título é Tudo pertence ao amor, retomando uma expressão característica de Francisco de Sales. De facto, assim escreveu no seu Trattato dell'amore di Dio [Tratado sobre o Amor de Deus], assim dizia: «Na santa Igreja tudo pertence ao amor, vive no amor, é feito por amor e vem do amor» (Ed. Paulinas, Milão 1989, p. 80). E pudéssemos todos nós percorrer este caminho do amor, tão bonito.

Procuremos agora aprofundar um pouco mais o mistério do nascimento de Jesus, “na companhia” de São Francisco de Sales, assim unimos as duas comemorações.

São Francisco de Sales, numa das suas muitas cartas dirigidas a Santa Joana Francisca de Chantal, escreve assim: «Parece-me ver Salomão no grande trono de marfim, dourado e esculpido, que não tinha igual em reino algum, como diz a Escritura (1 Rs 10, 18-20); ver, em suma, aquele rei que não tinha igual em glória e magnificência (cf. 1 Rs 10, 23). Mas prefiro cem vezes ver o querido pequeno Menino na manjedoura do que todos os reis nos seus tronos» [1]: é bonito o que dizia. Jesus, o Rei do Universo, nunca se sentou num trono, nunca: nasceu num estábulo – vemo-lo representado assim - , envolto em faixas e deitado numa manjedoura; e no final morreu numa cruz e, envolto num lençol, foi deposto no sepulcro. Com efeito, o evangelista Lucas, ao narrar o nascimento de Jesus, insiste muito no detalhe da manjedoura. Isto significa que é muito importante não apenas como detalhe logístico, mas como elemento simbólico para compreender o quê? Para compreender que tipo de Messias é Aquele que nasceu em Belém, que tipo de Rei: quem é Jesus. Olhando para a manjedoura, olhando para a cruz, olhando para a sua vida de simplicidade, podemos compreender quem é Jesus. Jesus é o Filho de Deus que nos salva, fazendo-se homem, como nós, despojando-se da sua glória e humilhando-se (cf. Fl 2, 7-8). Vemos este mistério concretamente no ponto focal do presépio, isto é, no Menino deitado numa manjedoura. Este é “o sinal” que Deus nos dá no Natal: foi assim para os pastores em Belém (cf. Lc 2, 12), é assim hoje e o será sempre. Quando os anjos anunciam o nascimento de Jesus: “Ide vê-lo”; e o sinal é: encontrareis um menino numa manjedoura. Aquele é o sinal. O trono de Jesus é a manjedoura ou a estrada, durante a sua vida quando pregava, ou a cruz no final da vida: este é o trono do Nosso Rei.

Este sinal mostra-nos o “estilo” de Deus. E qual é o estilo de Deus? Nunca vos esqueçais: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. O nosso Deus está próximo, é compassivo e terno. Em Jesus vemos este estilo de Deus. Com este seu estilo, Deus atrai-nos a si. Ele não nos toma com a força, não nos impõe a sua verdade e justiça, não faz proselitismo connosco, não: quer atrair-nos com amor, com ternura, com a compaixão. Noutra carta, São Francisco de Sales escreveu: «O íman atrai o ferro e o âmbar atrai a palha e o feno. Pois bem, quer sejamos ferro devido à nossa dureza, quer sejamos palha devido à nossa fraqueza, devemos deixar-nos atrair por este pequeno Menino celestial» [2]. As nossas forças, as nossas fragilidades, são resolvidas apenas diante do presépio, diante de Jesus, ou diante da cruz: Jesus despojado, Jesus pobre; mas sempre com o seu estilo de proximidade, compaixão e ternura. Deus encontrou o meio para nos atrair como somos: com o amor. Não um amor possessivo e egoísta, como infelizmente é muitas vezes o amor humano. O seu amor é puro dom, pura graça, é tudo e apenas para nós, para o nosso bem. E assim atrai-nos, com este amor desarmado e também desarmante. Pois quando vemos esta simplicidade de Jesus, também nós deitamos fora as armas da soberba e vamos ali, humildes, pedir salvação, pedir perdão, pedir luz para a nossa vida, para poder ir em frente. Não vos esqueçais do trono de Jesus: a manjedoura e a cruz, eis o trono de Jesus.

Outro aspeto que se destaca no presépio é a pobreza – deveras há pobreza, ali - entendida como a renúncia a toda a vaidade mundana. Quando vemos o dinheiro que se gasta por vaidade: muito dinheiro para a vaidade mundana; tantos esforços, tantas pesquisas para a vaidade; mas Jesus mostra-nos a humildade. São Francisco de Sales escreve: «Meu Deus! Quantos afetos santos este nascimento suscita nos nossos corações! Acima de tudo, porém, ensina-nos a perfeita renúncia a todos os bens, a todas as pompas [...] deste mundo. Não sei, mas não encontro outro mistério no qual a ternura e a

austeridade, o amor e a tristeza, a doçura e a dureza se misturam tão docemente» [3]: vemos tudo isto no presépio. Sim, tomemos cuidado para não cair na caricatura mundana do Natal. E isto é um problema, pois o Natal é assim. Mas hoje vemos que, embora seja “outro Natal”, entre aspas, é a caricatura mundana do Natal, que reduz o Natal a uma festa consumista e edulcorado. É necessário fazer festa, é preciso, mas que isto não seja Natal, o Natal é outra coisa. O amor de Deus não é meloso, a manjedoura de Jesus mostra-nos isto. O amor de Deus não é uma bonomia hipócrita que esconde a busca de prazeres e confortos. Os nossos idosos que conheceram a guerra e também a fome sabiam-no bem: o Natal é alegria e festa, certamente, mas na simplicidade e na austeridade.

E concluamos com um pensamento de São Francisco de Sales que também retomei na Carta Apostólica. Ele ditou-o às Irmãs Visitandinas - pensai! - dois dias antes de morrer. Dizia: «Vedes o Menino Jesus na manjedoura? Ele recebe todas as devastações do tempo, o frio e tudo o que o Pai permite que lhe aconteça. Não recusa as pequenas consolações que a sua mãe lhe dá, e não está escrito que alguma vez estenda as mãos para ter o seio da sua Mãe, mas deixa tudo aos cuidados e presciência dela; por isso nada devemos desejar nem recusar, suportando tudo o que Deus nos envia, o frio e as injustiças do tempo» [4]. E aqui, prezados irmãos e irmãs, está um grande ensinamento, que nos chega do Menino Jesus através da sabedoria de São Francisco de Sales: nada desejar nem rejeitar, aceitar tudo o que Deus nos envia. Mas atenção! Sempre e só por amor, pois Deus ama-nos e deseja sempre e apenas o nosso bem.

Olhemos para a manjedoura, que é o trono de Jesus, olhemos para Jesus nas estradas da Judeia, da Galileia, pregando a mensagem do Pai e olhemos para Jesus no outro trono, na cruz. É isto que Jesus nos oferece: a estrada, mas esta é a via da felicidade.

A todos vós e às vossas famílias, feliz tempo de Natal e bom início do ano novo!

[1] Alla madre di Chantal, Annecy, 25 de dezembro de 1613, em *Tutte le lettere*, vol. II (1619-1622), por L. Rolfo, Paulinas, Roma 1967, 402-403, *Œuvres de Saint François de Sales*, édition complète, Annecy, Tomo XVI, 120-121.

[2] A una religiosa, Paris, 6 de janeiro de 1619, em *Tutte le lettere*, vol. III (1619-1622), por L. Rolfo, Paulinas, Roma 1967, 10, *Œuvres de Saint François de Sales*, édition complète, Annecy, Tomo XVIII, 334-335.

[3] A una religiosa dell'abbazia di Santa Caterina, Annecy, 25 ou 26 de dezembro de 1621, em *Tutte le lettere*, vol. III (1619-1622), por L. Rolfo, Paulinas, Roma 1967, 615, *Œuvres de Saint François de Sales*, édition complète, Annecy, Tomo XX, 212.

[4] *Trattenimenti spirituali*, Paulinas, Milão 2000, 463 (F. De Sales, *Entretiens spirituels*, *Œuvres. Textes présentés et annotés par A. Ravier avec la collaboration de R. Devos*, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris 1969, 1319).

Saudações:

Queridos fiéis e amigos de língua portuguesa, neste santo Natal, desejo-vos a plenitude das consolações e graças do Deus-Menino: resplandeça nos vossos corações, nas vossas famílias e comunidades a luz do Redentor, que nos revela o rosto terno e misericordioso do Pai celeste. E que a todos abençoe com um Ano Novo sereno e feliz.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Estes dias convidam-nos a refletir sobre o mistério do nascimento de Jesus e queremos fazê-lo na companhia de São Francisco de Sales, porque, hoje mesmo, completam-se 400 anos da sua morte. O Papa São João Paulo II chama-lhe o «Doutor do amor divino»; e bem o comprova o livro estupendo que nos deixou: *Tratado do Amor de Deus*. Escreve ele no Prefácio: «Na santa Igreja, tudo pertence ao amor, vive no amor, faz-se por amor e vem do amor». Esta certeza do Santo nascia da contemplação da própria vida de Jesus. A 26 de dezembro – dois dias antes da sua morte – em colóquio com as Irmãs Visitandinas, dizia-lhes: «Vedes o Menino Jesus na manjedoura? Recebe todas as agruras do tempo, o frio e tudo aquilo que o Pai permite que Lhe aconteça. Não recusa as pequenas consolações que sua Mãe Lhe dá, mas também não está escrito que estendesse as mãozinhas para ter o peito da Mãe; deixara tudo ao cuidado e previsão d'Ela. De igual modo não devemos desejar nada nem recusar nada».



Aqui temos, queridos irmãos e irmãs, um grande ensinamento que nos vem do Deus-Menino através da sabedoria de São Francisco de Sales: não devemos desejar nada nem recusar nada, mas aceitar tudo aquilo que Deus nos manda. Mas atenção! Sempre e só por amor, porque Deus nos ama e quer sempre e só o nosso bem.

AUDIÊNCIA GERAL – Sala Paulo VI

Quarta-feira, 28 de dezembro de 2022